



## “MAS ELAS SÃO DE OUTRO PLANETA?” SENTIDOS DO PARTO EM QUESTÃO

Fernanda Bittencourt Ribeiro<sup>1</sup>

A pergunta que intitula este artigo interrompeu o relato que uma bolsista de iniciação científica e eu fazíamos numa aula de graduação de Ciências Sociais<sup>2</sup>. A estudante que assim manifestou-se, visivelmente irritada, tem em torno de 35 anos e é mãe de dois filhos adolescentes. Em nosso relato contávamos sobre as observações que tínhamos feito em sessões de apresentação e debate do documentário *Parto orgásmico: O segredo mais bem guardado*, filme produzido por ativistas do movimento pela humanização do parto e do nascimento. Nele, depoimentos de mulheres que afirmam ter sentido prazer no parto, se mesclam a pontos de vista vindos do campo científico e que também sustentam esta possibilidade<sup>3</sup>. O incômodo da estudante não chegou a nos surpreender. Fernanda (a bolsista) já tinha me falado da agressividade com que algumas de suas colegas reagiam ao ouvi-la comentar esta pesquisa “sobre parto” e especialmente os materiais que vinha coletando sobre parto e sexualidade.

No que segue, a partir da observação participante realizada em três das quatro sessões de exibição deste documentário em Porto Alegre, e do acompanhamento de sua repercussão através da internet, viso desenvolver o argumento de que se por um lado este tipo de produção cultural pode facilitar a liberação da palavra sobre experiências de prazer no parto, culturalmente indizíveis, por outro, dá acesso a atualidade da norma cultural que, historicamente, dissocia prazer, parto e sexualidade feminina. Em 2008, este documentário foi exibido e debatido em vários países como EUA, México, Itália e Portugal. No Brasil, tem-se notícias de sua divulgação em eventos acadêmicos, festivais de cinema ou sessões cine-debate promovidas por ativistas de ONGs pró-humanização do nascimento no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre.

---

<sup>1</sup> Doutora em antropologia social, professora e pesquisadora do PPG em Ciências Sociais da PUCRS, Porto Alegre, feribeiro@puers.br.

<sup>2</sup> Os dados aqui apresentados foram produzidos no âmbito da pesquisa etnográfica *Dilemas da boa hora e humanização do nascimento* apoiada pelo edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA nº 57/2008 – Relações de Gênero, Mulheres e Feminismo e pela FAPERGS mediante a concessão de uma bolsa de iniciação científica recebida pela estudante de Ciências Sociais da PUCRS, Fernanda Gonçalves Malheiros. Nesta pesquisa interessei-me por discursos e práticas que participam de processos de construção social e simbólica do parto na contemporaneidade.

<sup>3</sup> *Orgasmic Birth – The best-kept secret* de Debra Pascali-Bonaro. Documentário, 87min. Estados Unidos, 2007. Sinopse: Desafiando o mito de que é doloroso e perigoso por natureza e deve ser deixado nas mãos dos médicos, o filme mostra as potencialidades emocionais, espirituais e físicas do parto. Acompanhamos de forma íntima onze mulheres que num trabalho de dar a luz o mais natural possível, gemem, beijam, riem e até gozam. O depoimento de vários especialistas no assunto, médicos e parteiras, junto com as mães, comprovam que estatisticamente esta é uma forma de parir mais saudável e mais segura, tanto para a mãe quanto para o bebê. <http://www.orgasmicbirth.com>; [http://br.youtube.com/watch?v=zG\\_6IVmXvr0](http://br.youtube.com/watch?v=zG_6IVmXvr0)



Nesta cidade foram quatro sessões ocorridas entre os meses de outubro e dezembro e promovidas por ativistas da rede pela humanização do parto e do nascimento (Rehuna) e pela ong Parto do Princípio. As duas últimas exposições ocorreram nas dependências da Unipaz-sul – Universidade Internacional da Paz ( [www.unipazsul.org.br](http://www.unipazsul.org.br) ) e as duas primeiras na Sociedade Italiana e na Yucatan – Clínica e centro cultural ( [www.yucatanbr.com.br](http://www.yucatanbr.com.br) ). Como protagonistas destas iniciativas em Porto Alegre, temos o obstetra Ricardo Jones e a enfermeira obstetra Neusa Jones, ambos integrantes das redes acima citadas e profissionais comprometidos com a humanização do nascimento entendida como um processo de restituição do protagonismo à mulher. Em todas as sessões foi proposta a realização de um debate com a presença de Ricardo Jones - um dos especialistas ouvidos no filme<sup>4</sup>.

De acordo com a caracterização do movimento pela humanização do parto no Brasil proposta por Tornquist (2002), ele corresponde a um desdobramento do que Tania Salem (2004) chama de “ideário do parto sem dor” difundido nos anos 50 por obstetras de vanguarda. Segundo Tornquist a partir dos anos 60, a segunda geração do parto sem dor, embebida no espírito libertário da época trouxe...

“alguns dos valores individualistas/libertários ao campo da parturição e do nascimento, particularmente a sexualidade da mulher, a participação do pai no processo, a valorização do feto e do recém-nascido como sujeito dotado de individualidade (...). Nesse universo moral destacam-se ainda a valorização da natureza, a crítica à medicalização da saúde, a inspiração em métodos e técnicas não-ocidentais de cuidados com o corpo e a saúde, e a incorporação de outros profissionais na equipe de atendimento, já que os médicos serão vistos como símbolos máximos do poder e do saber biomédico que se critica” (Tornquist, 2002, p. 486).

No filme de Debra Pascali-Bonaro estes diferentes aspectos que configuram o ideário da humanização do nascimento compõem as cenas de parto e são articulados em torno do eixo erotismo e sexualidade. Segundo relata Ricardo Jones em introdução às sessões de exibição do filme em Porto Alegre, sua realização teria sido o resultado do desejo da diretora em atingir pessoas para além dos já *convertidos* ao ideário do parto humanizado. A idéia de fazer um filme sobre parto teria lhe ocorrido num sonho. A partir daí, familiarizou-se com a câmera – até então desconhecida para ela – e começou a coletar o que se transformou num extenso material. As primeiras idéias quanto ao título do filme a ser editado – tais como *Belo Parto*, *O parto como deve ser*, *A beleza do nascimento* – foram consideradas, pelos produtores, como muito pouco atrativas, desinteressantes, sem nenhum apelo de público... Já a proposição *Parto orgásmico* soou diferente. Segundo Ricardo

---

<sup>4</sup> Ricardo Jones – ginecologista, obstetra e homeopata, integrante das redes Rehuna (Rede pela humanização do parto e do nascimento, Brasil), HumPar (Rede pela humanização do parto, Portugal) e IMBCI (International Motherbaby Childbirth Organization). É o único obstetra com equipe para realização de parto domiciliar em Porto Alegre. Neusa Jones – Enfermeira obstetra. Integrante da Rehuna. Membro de equipe de parto domiciliar e hospitalar. Enfermeira do Hospital Presidente Vargas, Porto Alegre.



Jones, houve quem achasse agressivo, mas prevaleceu a idéia de que o estranhamento produzido poderia atrair a atenção<sup>5</sup>. Este relato informa que a associação parto e sexualidade era um dos recortes possíveis do material coletado e não, necessariamente, um enfoque estabelecido desde o início das filmagens. Se a definição deste eixo decorre de seu potencial em termos de atração de público, são os outros títulos cogitados que colocam mais claramente em evidência a intenção educativa do documentário. Entendendo o cinema, os meios de comunicação de massa, os brinquedos, a literatura, a música... como instâncias de produção da norma e da diferença de gênero (Meyer, 2003), abordo o documentário *Parto orgásmico – o segredo mais bem guardado* como um *locus* de expressão e de produção de sentidos que contrariam a norma de gênero no que se refere aos lugares dominantes do masculino e do feminino, da ciência e dos afetos, do corpo e da sexualidade na cena do parto.

### *O documentário*

Seu roteiro combina o acompanhamento de casais filmados durante a gravidez, o trabalho de parto/parto e o pós-parto com o depoimento de especialistas que argumentam a favor do parto natural. São onze partos, dos quais oito domiciliares – cinco na água, dois sob o chuveiro e um no *deck* de uma piscina – e três hospitalares. Um dos partos hospitalares é uma cesárea e em outro é utilizado um extrator a vácuo no parto normal. No hospital, as mulheres são mostradas sendo monitoradas por máquinas, deslocando-se em cadeira de rodas, com soro, usando avental do hospital, cobertas por lençóis. Com exceção de uma mulher entrevistada sozinha durante seu trabalho de parto no hospital, todos os demais partos apresentados são vividos em casal heterossexual. A primeira aparição de cada dupla no filme é introduzida por seus nomes em destaque sobre um fundo escuro. Nos nascimentos em hospital, o homem permanece por momentos separados da mulher ou ao seu lado, durante os procedimentos médicos. Nos partos domiciliares, eles participam ativamente fazendo massagens, servindo como apoio físico nas diferentes posições nas quais a mulher se coloca e mesmo aparando o bebê no momento do nascimento. Em alguns destes partos domiciliares outras pessoas também participam ativamente em determinados momentos. Trata-se de outras mulheres, doula, parteira, mãe, tia ou irmã da parturiente. Num dos partos na água foi possível contar sete pessoas em torno da banheira. Eventualmente observa-se

---

<sup>5</sup> Como anedota Jones conta que, durante o festival do Rio, ele e a diretora do filme foram procurados pelos organizadores do evento em função de repórteres que queriam gravar uma matéria. Sem que entendessem porque, os porta-vozes do convite lhes diziam que seria compreensível caso não quisessem receber os tais repórteres. Isto porque a matéria seria veiculada na TV Sexy Hot. A entrevista foi gravada e a matéria, segundo Jones, teve um cunho informativo, nada apelativo.



também a presença de outros filhos do casal. As casas nas quais os partos ocorrem podem ser ditas de classe média, sem luxo, mas confortáveis. Predominam ambientes decorados com panos indianos, almofadas, portas de vidro sobre jardins. Durante os trabalhos de parto, com frequência o ambiente está na penumbra, iluminado indiretamente. Num deles alguém toca percussão e outra pessoa canta. Nem todos os casais são filmados nas três etapas referidas acima. As filmagens da gravidez são de ocasiões de visitas da parteira ou de participação em grupo de casais gestantes, por exemplo. O trabalho de parto é acompanhado informando ao público, através de legenda, sobre o tempo que falta para o momento do parto – 24 horas, 2 horas, 15 minutos antes do parto... Em alguns casos, enquanto as imagens são mostradas, o casal relata em *off* suas memórias em relação a cada etapa. Nestes relatos, as mulheres falam de transformação, cura, sacrifício, rito de passagem, sobre tornar-se mulher, sentir-se forte e capaz de qualquer coisa. Sobre ter tido prazer também em gritar, de sensações de êxtase e de transcendência. Os casais falam de um momento de grande intimidade comparável à relação sexual, falam de fusão, conexão, sobre estar noutra dimensão. O mais longo dos trabalhos de parto apresentados durou 38 horas. Durante esta etapa as mulheres conversam, riem, se movimentam, caminham no jardim, apóiam-se numa grande bola, em panos pendurados, em balanços... São cenas sonoras em que elas gemem, choram, vocalizam, gritam... Permanecem por vezes muito próximas aos homens, abraçadas, apoiadas ou penduradas neles, retribuem beijos e carinhos. As posições do momento do nascimento são bastante variadas. O último dos partos é o de uma mulher que em entrevista relata ter tido dois orgasmos durante a fase final do parto. Ao dar este relato, diz sentir-se corar. Alguns dos casais são entrevistados *a posteriori*, juntos ou separadamente. Eventualmente com seus bebês no colo. Um deles retorna ao grupo de casais gestantes do qual participaram para contar a experiência vivida.

Os depoimentos dos especialistas foram coletados por ocasião dos congressos internacionais das redes pela humanização do nascimento. Entre eles estão o obstetra Marsden Wagner, ex-diretor de saúde da mulher e da criança da OMS, a parteira mexicana Naolí Vinaver, o obstetra brasileiro Ricardo Jones, a antropóloga americana Robbie Davis-Floyd, Lonnie Morris, diretora de obstetrícia do Hospital Pascack Valley, Elisabeth Davis, co-diretora do Instituto nacional de obstetrícia. O argumento central de seus depoimentos articula-se em torno da possibilidade neurológica de que o parto seja vivido como um evento de prazer. A similaridade entre a relação sexual e o parto é estabelecida a partir da identificação dos hormônios - ocitocina, endorfina e adrenalina - liberados em ambas as situações. O parto, simbolicamente reduzido a dor e, progressivamente, levado para o hospital, é visto como um dos resultados do controle patriarcal sobre a sexualidade das mulheres.



Como bem demarca Ricardo Jones, em seu texto publicado na internet sobre o documentário, foi em meados dos anos 80 que diversos autores, profissionais da área do nascimento, começaram a demonstrar o paralelismo entre parto e sexualidade. Garantida sua possibilidade fisiológica, o prazer de parir é relacionado também a condições sociais e afetivas como privacidade, intimidade, dignidade, carinho e cuidado respeitoso. São estas condições que poderão viabilizar a boa orquestração ou o bom fluxo dos hormônios. Portanto, além do entorno familiar, atribui-se um importante papel aos profissionais como facilitadores de um parto dito empoderador e orgásmico.



Cenas do documentário Parto Orgásmico

### *Cine-debate em Porto Alegre*

As três sessões das quais participamos em Porto Alegre, reuniram cerca de 150 pessoas. As duas primeiras exhibições tiveram uma platéia predominantemente identificada com o ideário da humanização do nascimento. Ainda que o número de mulheres tenha sido superior destaca-se a presença de homens. Na segunda sessão que reuniu mais de 60 pessoas contou-se cerca de 20 homens todos em casal. Também se destacou a presença de crianças algumas das quais permaneceram fora da sala sob os cuidados de mulheres da rede Parto do Princípio e outras assistindo ao filme na companhia da mãe ou dos pais. A média de idade do público nesta sessão deve situar-se entre 25 e 40 anos. Nesta ocasião o debate proposto pelos organizadores não aconteceu e ao final da exibição as pessoas permaneceram tomando chá e conversando espontaneamente em pequenos grupos. Na primeira sessão, o debate consistiu sobretudo em relatos de experiências de parto humanizado vividas por mulheres e casais presentes.

Segundo nossas observações foi, sobretudo nas duas últimas sessões realizadas na Unipaz que o filme atingiu um público leigo no tema, mas cujo universo moral, norteador pelo ideário da cultura paz, é bastante conciliável com o Movimento pela Humanização do Parto. Vale observar que durante o debate ocorrido na quarta sessão, alguém anunciou para 2009 a criação de um grupo específico sobre o tema no âmbito das atividades promovidas pela Unipaz. Entre os convertidos ao ideário do parto humanizado, o documentário suscitou relatos emocionados de experiências que



reiteram o conteúdo do filme independentemente da referência a uma vivência orgásmica. Vale destacar que nas duas primeiras sessões grande parte da platéia chorava durante e ao término do filme. As observações aqui sintetizadas apontam para a relevância de combinar a análise desta pedagogia cultural com uma antropologia das emoções. Como ponto de partida desta combinação, destacamos, em relação aos convertidos ao ideário do parto humanizado, o relato de experiências vividas e as renovadas emoções que o filme suscita. Numa perspectiva construcionista estes relatos podem ser tomados como parte da construção do eu feminino e masculino. Além disto, o discurso emocional que fala do evento parto, localizado no jogo entre interlocutores que partilham um ideário comum assume uma dimensão política (Crapanzano, 1994) na medida em que contraria a associação parto e sofrimento estabelecida correntemente<sup>6</sup>.

Entre os *leigos* o documentário provocou demanda de informações acerca do parto humanizado colocadas diretamente ao debatedor, o obstetra Ricardo Jones. As questões também não diziam respeito necessariamente à experiência orgásmica, mas as possibilidades de realização de parto humanizado. Ouvimos perguntas como *o parto humanizado também é recomendado em caso de gravidez gemelar? ; uma mulher com dilatação aos seis meses poderá levar a gravidez a termo e ter um parto humanizado?* Também foram solicitadas referências bibliográficas sobre o tema. Estas reações apontam para o potencial informativo do filme ou para a busca de esclarecimentos que ele pode produzir.

Além da demanda de informações cabe registrar, em relação a este público *leigo* os relatos de experiências que reiteram explicitamente a relação entre parto e sexualidade enfatizada no documentário. Pode-se afirmar que além de um discurso que exprime emoções o documentário produziu a liberação da palavra a propósito de experiências difíceis de serem partilhadas culturalmente. Uma jovem grávida e mãe de um menino conta sua experiência de *transcendência* durante o parto de seu filho. Ela tem em mãos o livro *Nascer sorrindo* (Frederick Leboyer) lido durante a gravidez e confirma um depoimento dado no filme acerca do constrangimento de mulheres em contar suas experiências positivas de parto, em falar do prazer que sentiram. Uma outra jovem, acompanhada do namorado e mãe de um menino nascido de outra relação, conta ter ficado muito excitada no início de seu trabalho de parto, cujo desfecho foi uma cesárea.

---

<sup>6</sup> Cabe considerar que os relatos de parto e a exibição de vídeos são metodologias recorrentemente utilizadas no âmbito do movimento pela humanização do nascimento.



O debate desta sessão iniciou com o relato de uma mulher de mais de 60 anos que começou sua intervenção dizendo que veio revelar o seu *segredo mais bem guardado*. Algo que ressalta nunca ter contado a ninguém, nem a seu marido. Ou seja, de que no momento do nascimento do seu primeiro filho teve uma *sensação... Quando vi o folder com o título do filme pensei 'tenho que ir lá ver e contar...'* Ela estava visivelmente emocionada, um pouco constrangida mas se dizendo feliz em contar o seu *segredo*. Este mesmo efeito constatado no debate que se seguiu à exibição do filme na Unipaz foi identificado também em comentários ao filme publicados na internet.

O fato deste documentário suscitar revelações convida a fazer desta associação entre parto e prazer uma hipótese a ser explorada nos estudos que, numa perspectiva feminista, abordam as experiências da gravidez, do parto e da maternidade entre mulheres de diferentes origens e universos simbólicos. Por outro lado, as reações referidas no início deste artigo, bem como os comentários a duas matérias veiculadas na internet sobre este documentário, deixam entrever o estranhamento e a repulsa que o adjetivo *orgásmico* pode provocar quando associado ao parto.

*“Erotizaram até o parto!”*

Nos dias 23 e 25 de março de 2009, os *sites* Terra e da revista Época, respectivamente, veicularam reportagens relativas ao documentário<sup>7</sup>. No primeiro, o artigo é intitulado *Mulheres*

<sup>7</sup> São vários os sites ou blogs onde pode-se acompanhar repercussões do filme. Optei aqui por utilizar duas fontes não aderidas a causa da *humanização do nascimento* e com espaço para manifestação de internautas. O sub-título acima corresponde a um comentário postado num dos sites consultados.

<<http://saude.terra.com.br/interna/0,,OI3653721-EI1497,00-mulheres+afirmam+sentir+orgasmo+no+parto+normal.html>  
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI65597-15257,00-COMO+TER+UM+ORGASMO+DURANTE+O+PARTO.html>>



*afirmam sentir orgasmo no parto normal*. Logo no final do primeiro parágrafo<sup>8</sup> um *link* convida o leitor a *opinar sobre o assunto*. Numa coluna ao lado do texto pode-se votar na enquete *Você acha possível sentir prazer ao dar à luz?* Atualmente registra-se 6677 votantes dos quais 66,38% responderam *não*. Nos textos, a abordagem ao tema é desvinculada da causa mais geral da humanização do nascimento ou do *empoderamento das mulheres* e o recorte adotado no filme é apresentado como um “movimento” chamado *Orgasmic Birth*. Num dos textos afirma-se: *uma nova corrente surge para provar que qualquer mãe pode não só sublimar a dor como ter um orgasmo durante o parto*.

O título da reportagem da revista *Época* é *Como ter um orgasmo durante o parto*. Sua primeira frase (que insinua propaganda enganosa) pode ser considerada enganosa em relação ao próprio conteúdo do filme.

“Um parto indolor que termina com um gemido de prazer. Parece improvável? É o que defende o documentário ‘Orgasmic Birth’ (algo como Parto com Orgasmo), que reúne depoimentos de médicos e de mães dispostos a acabar com o mito da dor ao dar à luz”.

Apesar de ser falso dizer que o documentário seja uma *defesa de um parto indolor que termina com um gemido de prazer*, o texto é seguido de uma entrevista com sua diretora e de uma sequência de fotos que seguem o título *Nem cesárea, nem parto normal – algumas variações do modo de dar à luz e seus possíveis benefícios para a mãe e o bebê* e que ilustram pequenos textos sobre diferentes *tipos de parto - na água, de cócoras, ativo, Leboyer...*

No site Terra conta-se 128 comentários postados entre 23/3 e 15/4<sup>9</sup> por cerca de 80 mulheres e 10 homens. Sete mulheres confirmam esta possibilidade relatando terem sido surpreendidas por sensações agradáveis em suas experiências de parto. Frequentemente o constrangimento e a vergonha estão presentes<sup>10</sup>. Nove não relatam partos, mas suas mensagens têm um conteúdo positivo em relação à idéia de um parto prazeroso. Os mais de 100 comentários restantes, ou consideram impossível que os depoimentos que confirmam sensações de prazer no parto sejam verdadeiros ou, além disto, são claramente ofensivos ou irônicos em relação a mulheres que fazem estas afirmações. Na revista *Época* conta-se 65 comentários postados por 55 mulheres e 10 homens. Duas confirmam e relatam experiências prazerosas, noutros 15 comentários (três escritos por

<sup>8</sup> “A respiração começa a ficar ofegante, as pernas tremem e pequenas ondulações invadem o corpo feminino. Essas não são as sensações que antecedem o ápice do prazer da mulher na relação sexual, mas sim um orgasmo sentido ao se dar à luz. É isso mesmo. Por mais estranho que possa parecer, algumas mulheres afirmam encontrar o êxtase durante o trabalho de parto normal”.

<sup>9</sup> 105 comentários foram escritos nos dias 23 e 24 de março.

<sup>10</sup> Gilza Sandre-Pereira (2003) a partir de entrevistas realizadas com homens e mulheres descreve vivências, inquietações e sentimentos muitos semelhantes em relação a associação entre prazer e amamentação inclusive no tocante ao tabu do incesto ou a suspeita de pedofilia.





homens) identifica-se um conteúdo positivo. Os 38 restantes seguem o padrão de descrédito e do recurso a ofensa moral observado nos comentários postados no site Terra.

Duvida-se da sanidade mental, do caráter e mesmo da humanidade (em alguns comentários são tidas por vacas, éguas, piranhas...) destas mulheres cujas narrativas contrariam a sedimentada associação entre parto e sofrimento. São designadas como masoquistas, loucas, sexopatas, ninfomaníacas, anormais, doentes, depravadas... O prazer relatado podendo ser considerado incestuoso ou pedófilo e daí nojento. Muitas mulheres que tiveram partos normais escrevem ressaltando a beleza do momento, seu caráter sagrado, mas ressaltam a dor sentida e nomeiam como um prazer *não-sexual*, o alívio sentido no final do parto e o esquecimento da dor que o rosto do bebê proporciona.

Em seu livro *Visões do feminino*, Ana Paula Vosne Martins contrasta os quadros *A esperança I* (Klint, 1903) e *Maternidade ou mulher amamentando seu bebê* (Renoir, 1886) e pergunta-se por que o primeiro ofendeu a moralidade burguesa do início do século XX e foi considerado escandaloso, obsceno. Ambos representaram a mulher, mas Klint a retrata nua, grávida, enigmática e sensual, enquanto Renoir representa sua esposa amamentando seu filho. Quanto a este quadro a autora observa:

“A mulher é bastante corpulenta, tem o rosto redondo e corado, e está dando o seio farto para o bebê roliço que brinca com os pés Além do aspecto físico da mãe, chama a atenção seu olhar sereno e tranquilo. É uma exaltação à maternidade centrada na amamentação, um ato de relevância moral, celebrado pela medicina de então como a maior demonstração do amor materno e a garantia de um filho, e futuro cidadão, saudável. Pensando nos diferentes discursos que exaltavam a maternidade, esse quadro é uma objetivação das idéias e valores a respeito dos papéis de gênero, do casamento, da família e, principalmente da mulher. Como tal apresenta uma visão idílica da maternidade, sem nenhuma referência a sexualidade ou aos momentos anteriores da gravidez e do parto (...).” (Martins, 2004, p. 63)

Já a nudez grávida do quadro *A esperança I* era obscena, insuportável e imoral para a burguesia da época:

“Klint rompeu uma regra cultural ao erotizar um tema que era cercado de respeito, silêncio e devoção. Representar uma mulher grávida nua significava quebrar o mito da reabilitação feminina pela maternidade e associar maternidade e sexualidade, algo que a religião e a medicina se empenharam em separar.” (Martins, 2004, p. 65)

Hoje, quando determinadas representações de grávidas nuas são correntes, as cenas “reais” do documentário *Parto orgásmico*, como o quadro de Klint, puderam ser percebidas como falsas, obscenas, insuportáveis e imorais. Mas qual visão do corpo da mulher-mãe elas estariam contrariando?

No artigo *Amamentação e sexualidade* encontramos uma pista. As entrevistas realizadas por Gilza Sandre-Pereira (2003) apontam “a existência de vários casos em que a idéia de divisão do corpo é evidenciada – uma divisão ‘horizontalizada’, entre a metade inferior, sexual, e a metade



*superior, maternal e reservada à função alimentar.*” (Sandre-Pereira, 2003, p. 479). A partir disto podemos pensar que a idéia de uma divisão horizontal do corpo também opere na dissociação entre parto e sexualidade corroborando a representação da metade inferior como sexual. No caso dos partos vaginais – também ditos “por via baixa” na linguagem médica – a dor, na medida em que enfatizada como um empecilho intransponível para o prazer, permitiria distinguir o canal do nascimento e o órgão sexual. Afirmar ter sentido prazer ou mesmo conceber esta possibilidade pode ser obsceno na medida em que releva a dor e ignora a distinção. Para reforçar esta hipótese lembremos que a cesárea, realizada em 43% dos nascimentos no Brasil – e também chamada na linguagem médica, parto “por via alta” – deixa uma “invisível”<sup>11</sup> marca corporal horizontal, no meio do corpo.

### *Bibliografia*

CRAPANZANO, Vincent. *Réflexions sur une anthropologie des émotions*. Terrain, Paris, n° 22, 1994. p. 109-117.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2004.

MEYER, Dagmar Estermann. “Gênero e educação: teoria e política”. In: LOURO, Guacira Lopes et al (orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade – Um debate contemporâneo em educação*. Petrópolis, Vozes, 2003. p. 9-27.

RIBEIRO, Fernanda Bittencourt. “Preparação para o parto” e (não) transmissão de técnicas corporais. Trabalho apresentado no GT Corpo, performance e ritual do II Encontro Internacional de Ciências Sociais, UFPEL, Pelotas, junho 2010.

SALEM, Tania. *O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2007.

SANDRE-PEREIRA, Gilza. Amamentação e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, São Paulo, vol.11, n.2, 2003. p. 467-491.

TORNQUIST, Carmen Susana. As armadilhas da nova era: natureza e maternidade no ideário da humanização do parto. *Revista Estudos Feministas*, São Paulo, 483, 2002. p. 483-492.

---

<sup>11</sup> Em outro trabalho (Ribeiro, 2010) mostrei como as descrições de tipos de parto em sites de hospitais de Porto Alegre enfatizam: “O corte é feito na região supra púbica (o mais inferior possível, ficando escondido embaixo da calcinha e mesmo do biquíni) e mede em torno de 10 a 15 cm, no máximo.”  
< <http://www.divinaprovidencia.org.br/bebes/index.php?id=292&idcategoria=22> >